Publicado em 02/05/2024 - 05:54

Sem trégua

Sob maior potencial de estragos

Localização e persistência das chuvas na faixa central do Rio Grande do Sul amplificam a destruição de pontes e estradas

MARCELO GONZATTO
marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

Uma peculiaridade da chuva torrencial registrada nos últimos dias no Rio Grande do Sul agrava a preocupação de autoridades e da população: o elevado potencial de destruição e de bloqueio de estradas e pontes, o que levou ao isolamento de comunidades inteiras e dificulta a circulação entre algumas das principais cidades, como Santa Maria.

O estrago foi mais intenso e generalizado do que o testemunhado na grande enchente de setembro do ano passado, por exemplo, que assolou o Vale do Taquari e deixou mais de meia centena de vítimas. O alto grau de dano material visto agora se explica principalmente pela localização do epicentro das precipitações e pela característica "quase estacionária" do sistema meteorológico que atinge o Estado e supera a resistência das obras de engenharia. Há o risco de que os prejuízos se intensifiquem devido à continuidade do mau tempo hoje.

Em setembro, as chuvas mais fortes se concentraram nas cabeceiras dos rios das Antas e Taquari, no Extremo Norte. A enxurrada desceu o vale inundando cidades inteiras ao longo do caminho, mas foi mais localizada. Agora, conforme o doutor em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental Fernando Dornelles, o mau tempo se abate sobre ampla faixa central do Estado, onde há tanto uma grande concentração de córregos e rios, como o Jacuí, o Pardo e o Caí, quanto vasta malha de vias municipais, estaduais e federais e farta infraestrutura de pontes por se tratar de zona mais urbanizada.

> *Com a continuação das chuvas no sentido da bacia do Rio Taquari, os modelos estão sugerindo a ocorrência de cheias ali da ordem do que ocorreu ano passado. Confirmadas as previsões, creio que estaríamos diante do maior desastre dos últimos ano.*
>
> **FERNANDO FAN**
> Engenheiro florestal e professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS

> *Esse sistema concentrou tempestades de forma persistente e continuada principalmente na Região Central, que é uma zona de transição entre o Pampa e as escarpas do Planalto. As tempestades ficam morrendo e renascendo no mesmo lugar.*
>
> **VAGNER ANABOR**
> Professor do programa de pós-graduação em Meteorologia da UFSM

– Tivemos grandes volumes de chuva em pouco tempo nessa região mais média do Rio Taquari e nas sub-bacias do Forqueta, do Guaporé, também do Jacuí. Isso fez com que bueiros e pontilhões fossem levados por causa da erosão provocada pela água nas suas bases. O número de estruturas danificadas foi maior porque se trata de uma região mais densamente ocupada – avalia Dornelles, que também é professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Santa Maria foi um dos municípios mais atingidos: a chuva comprometeu pelo menos 11 pontes e provocou danos em acessos fundamentais como a RS-287, a BR-158 e a BR-392. Além disso, problemas em adutoras chegaram a deixar 70% da cidade sem abastecimento de água. Outras localidades como Candelária e Caxias do Sul também apresentaram transtornos significativos de infraestrutura relacionados ao mau tempo, incluindo quedas de barreiras e deslizamentos.

Sucessão

Além de ter desaguado sobre uma zona mais sensível, a sucessão de tempestades trouxe volumes de chuva em níveis raramente vistos. Muitos locais registraram graus de precipitação três vezes superiores à média prevista para todo o mês de abril – em Segredo, no Vale do Rio Pardo, a medição indicou o acúmulo de 321 milímetros em apenas 24 horas, por exemplo.

O engenheiro ambiental e também professor do IPH da UFRGS Fernando Fan teme que os mais recentes prognósticos confirmem agravamento maior da situação.

– Com a continuação da chuva no sentido da bacia do Rio Taquari, os modelos estão sugerindo a ocorrência de cheias ali da ordem do que ocorreu ano passado. Confirmadas as previsões, creio que estaríamos diante do maior desastre dos últimos anos – alerta Fan.

Impacto profundo

Desta vez, chuva se concentrou em faixa central do Estado. Veja precipitação acumulada em 24h e problemas em algumas cidades

1. **Santa Maria** | 224,2mm
   Ao menos 11 pontes foram danificadas, incluindo uma queda na RS-287. Trechos bloqueados na BR-158 e na BR-392. Três adutoras de água foram comprometidas, deixando 70% da cidade sem água.
2. **Faxinal do Soturno** | 252mm
   Pelo menos duas pontes afetadas – na zona rural e na ligação com Ivorá.
3. **Segredo** | 321,4mm
   Homem morreu ao tentar atravessar via alagada de carro.
4. **Candelária** | 219,2mm
   Queda de ponte e vários bloqueios de rodovias deixaram moradores ilhados.
5. **Cachoeira do Sul** | 241,6mm
   Duas vias estaduais bloqueadas pela água.
6. **Venâncio Aires** | 125,6mm
   Bloqueios na RS-130 por acúmulo de água e erosão na pista.
7. **Lajeado** | 217,2mm
   Trecho de 93 quilômetros até Soledade bloqueado preventivamente.
8. **Caxias do Sul** | 184mm
   Quedas de barreiras em pelo menos três pontos da BR-116.
9. **Eldorado do Sul** | 109,9mm
   Trecho da pista da BR-290 destruído pela água.

AS RAZÕES PARA OS ESTRAGOS

- Houve um alto volume de chuva concentrado em pouco tempo, com acumulados de 200mm a mais de 300mm em 24 horas.
- A chuva foi favorecida por um sistema "quase estacionário" que despeja umidade vinda da Amazônia sobre o RS.
- A precipitação, diferentemente das enchentes de setembro do ano passado, se concentrou em uma faixa mais central do Estado, incluindo vales do Caí, do Rio Pardo, do Taquari, Serra e região de Santa Maria.
- Essas áreas contam com muitos córregos e rios, que transbordaram, e com uma malha de pontes e rodovias mais numerosa do que no extremo norte do RS. Por isso, houve um maior potencial de danos.

Obs.: acumulado de chuva calculado no dia 30/4

Fontes: Cemaden, PRF, CRBM, meteorologista Vagner Anabor (UFSM) e professores do IPH da UFRGS Fernando Fan e Fernando Dornelles

Sistema com doses colossais de umidade

A meteorologia também ajuda a entender a extensão dos estragos atuais. O professor do programa de pós-graduação em Meteorologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Vagner Anabor explica que o Estado foi afetado por um sistema meteorológico "quase estacionário", ou seja, que avança de forma muito lenta e, por isso, permanece por muito tempo lançando doses colossais de umidade vinda da Amazônia sobre os gaúchos.

– Esse sistema concentrou tempestades de forma persistente e continuada principalmente na Região Central, que é zona de transição entre o Pampa e as escarpas do Planalto. As tempestades ficam morrendo e renascendo no mesmo lugar – afirma Anabor.

Isso ocorre, segundo o meteorologista, porque essa faixa do Rio Grande do Sul está sob um "gradiente térmico" acentuado, ou seja, em uma área com grande variação de temperatura em um intervalo de apenas algumas centenas de quilômetros. Há um ar mais frio ao sul do Estado e uma massa bem mais quente ao Norte. Esse sistema, que recebe umidade amazônica, permanece praticamente parado porque não está associado a algum fenômeno de maior escala que o "empurre" adiante.

A formação de um ciclone extratropical na latitude aproximada das Malvinas, entre a noite de ontem e hoje, deverá intensificar mais uma vez a precipitação em solo gaúcho, voltando a aumentar os riscos. Depois disso, porém, deve organizar uma frente fria que deverá se deslocar e levar o mau tempo para longe.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Pagina: 7

Copyright © Clipclap 2025.